

DOI:10.3395/reciis.v5i1.454pt

## Editorial

Leitor, aqui está mais uma edição de Reciis, com o compromisso de contribuir para um painel diversificado de visões sobre a saúde, pelo viés da informação, da comunicação e da inovação. Este número vai da indústria farmacêutica ao uso de animais em experiências, e daí à leitura do que é saúde pela lente da vivência religiosa e de outras crenças. Vai da experiência com as novas plataformas tecnológicas, que turbinam a vanguarda da pesquisa, até a virtualização de laboratórios, salas de aula e bibliotecas.

O uso de plataformas tecnológicas e suas implicações na organização da pesquisa na área biomédica são investigados por Teixeira e Filipecki, que escolhem para estudo o cenário da Fiocruz e sua rede com doze plataformas tecnológicas. A pesquisa levou as autoras à ideia de que as plataformas retiram da cadeia das colaborações científicas o ato de realizar experimentos e testes altamente especializados e os subordina a uma dinâmica de serviços tecnológicos.

A viabilidade de um modelo semipresencial de ensino, na disciplina de Neurologia em uma escola médica federal, é pesquisada por Alves, Barbosa, Tanaka e Alvarenga. Entre os achados, os autores apontam que os alunos têm mais facilidade no trato com as novas tecnologias que seus tutores - uma tendência que chama, desde o futuro, à reflexão sobre a necessidade de se investir nelas, já.

Henning, Santos, Loureiro e Silva partem dos conceitos de Rede, Biblioteca Virtual e Inteligência Coletiva para tecer sua reflexão sobre o modelo Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), tomando como exemplo a Biblioteca Virtual em Saúde - História e Patrimônio Cultural da Saúde, uma iniciativa mantida pela Bireme/ e Fiocruz. Os autores apresentam a BVS-HPCS como instrumento de promoção do trabalho cooperativo em rede, voltado para gestão da informação e do conhecimento científico e técnico.

Loncarovich e Loncarovich apresentam uma análise da lógica descritiva como recurso informacional aplicável à cardiologia, por meio de uma estrutura de conhecimento ontológico que se referencia na Classificação Internacional de Doenças (CID) e nos Grupos de Diagnósticos Relacionados (DRG). Os autores defendem a criação de um sistema de suporte à tomada de decisão, que poderia ser usado em rede, pelos profissionais do sistema de saúde.

Ainda sobre o conhecimento em rede, Santos e Rodrigues oferecem o conceito de *Multibuição*, um modo de colaboração emergente baseado na inteligência coletiva em um ambiente virtual. A ideia se propõe que uma rede de pesquisadores na biotecnologia colabore do mesmo modo que no desenvolvimento de *software open source*.

Travi, Zimmermann, Soratto, Hoepers e mais cinco autores propõem uma análise sobre o grau de conhecimento – e engajamento – de estudantes universitários de Enfermagem sobre a doação de sangue. Uma amostra que incluiu alunos de início e de final do curso mostrou a permanência de crenças sobre efeitos colaterais para os quais não há fundamento prático ou na teórica. Um certo compromisso cidadão e solidário, mais a disposição pessoal em doar, surgem como contraponto que poderia aumentar se houvesse mais informação sobre esta operação tão simples quanto crucial.

Observando o cotidiano da Casa Fonte Colombo, no Rio Grande do Sul, e seu trabalho de assistência social a pessoas que vivem com HIV/AIDS, prestado por frades franciscanos capuchinhos e outros voluntários, Rosado, Seffner e Steil avançam na compreensão de como uma prática pastoral-assistencial pode afetar as concepções tradicionais da ortodoxia

católica sobre sexualidade e reprodução humana, redefinindo, localmente, a normatização do ato sexual.

Danielski, Barros e Carvalho escolhem como tema a utilização de animais no processo de ensino-aprendizagem na área biomédica, buscando as discussões e reflexões que visem a uma prática fundamentada em princípios tanto científicos como éticos. Como o uso de animais se justificaria pela busca do bem-estar de animais humanos e não humanos, os autores buscaram saber como alunos dos cursos de Ciências Biológicas e de Medicina o veem.

O artigo de Magalhães, Antunes e Boechat traz uma visão ainda pouco explorada da inovação na indústria farmacêutica no Brasil, via laboratórios oficiais. Os autores extrapolam a reflexão estritamente econômica, por si estratégica, para chegar à ideia dos LFOs como portadores de uma missão reorganizadora do mercado e da qualidade de vida pela via da cidadania, na medida em que contemplam, por exemplo, demandas negligenciadas pela pesquisa e pelos laboratórios privados. Neste número, trazemos ainda três resenhas.

Na primeira, Tiziani examina o livro "Antes que os vagalumes desapareçam, ou a influência da iluminação artificial sobre o ambiente", em que o autor, Alessandro Barghini, mostra como a iluminação artificial pública se projeta, literalmente, sobre os ciclos dos insetos que funcionam como vetores, muitas vezes alterando os quadros de transmissão de doenças.

Ferry se debruçou sobre a filmografia de Humberto Mauro, o reverenciado cineasta brasileiro, para mostrar dele uma faceta pouco divulgada: a de criador de filmes educativos e documentarista de ciência e saúde. Resta uma pequena quantidade de tesouros fílmicos, entre os quais estão registrados depoimentos e experiências de pesquisadores da Fiocruz, e a difusão de inovações tecnológicas tanto em processos - como lidar com a assepsia de instrumentos e instalações - quanto em instrumentos, como microscópios mais modernos.

Souza apresenta o vídeo "Sem noção: zoação tem limite?", uma produção com direção coletiva de pesquisadores responsáveis por um projeto sobre *bullying*, com ênfase no aspecto da saúde mental de adolescentes matriculados na rede escolar. Esses, no vídeo, se referem ao *bullying*, um tanto eufemisticamente, como "zoação", pouco mais que uma brincadeira. Então, qual o limite entre ela e a humilhação?

Todas essas perguntas, e algumas possíveis respostas, aguardam pela visita do leitor na primeira edição de 2011. E a Recis continua aberta à sua participação, também como autor. Bem vindo.